

**EDUARDO NERY**

**obra multidisciplinar no estudo do espaço e dos meios,  
uma rara sensibilidade entre o campo modular  
e a poética**

---

*Rocha de Sousa \**

Desde o primeiro impulso assinalável na obra de Eduardo Nery, voluntariedade gestual, matéria a expandir-se no *espaço cósmico*, todos os caminhos estiveram sempre abertos: entre a caligrafia *pura* e a *abstracção geométrica*, no desenho, na pintura, na obra modular, no tratamento diverso da realidade arquitectónica e ambiental, na pesquisa das problemáticas inerentes a esses domínios e trabalhando também a fotografia, *com* a fotografia, no profundo e sensível entendimento do *instante*, das *vivências* em memória, históricas, ficcionais, míticas.

A ideia dos astros, projecção do universo, marca uma fase inicial do trabalho deste autor: a pincelada circular, voluntariosa, e os salpicos da tinta como sinais da distância, constelação de estrelas em negativo, uma convulsão criadora da energia ou da matéria – assim o círculo emblematizando a dinâmica que atravessa todos os impossíveis vazios, o próprio tempo. Esta vontade expressiva, despojada pouco a pouco pelo estudo, pela razão simétrica da emoção, haveria de transportar-se para a maior parte das composições em tapeçaria, peças de grande esplendor ornamental, rigorosas, geometrizadas, cravadas de luminosidades próprias do género, impossivelmente dissociáveis da cosmogonia que desde logo as sustenta, além de uma forte experiência gráfica e pictórica, de uma estrutura plural, cartográfica, capaz de sublinhar a justaposição das tonalidades ou dos efeitos de transparência. A par de tais formas, Nery desenvolve avançadamente em Portugal uma linha abstracta, modular, de *valor óptico*, também aplicada à tapeçaria. Antes de qualquer exploração realmente perspéctica, esta original provocação *pedagógica* da percepção visual, entre figuras rigorosas que fingem a terceira dimensão, foi revertendo e por vezes até geminando um cubo real, assente no plano, com outros cubos virtuais, efeito convencional da modelação plástica. Daqui, a complexidade de muitas obras parietais de Eduardo Nery – *bipó-*

---

\* Professor, Pintor.

*teses de formação* e de *leitura*, um tratamento do próprio *trompe l'oeil* – ganham importantes derivas pelo espaço e por diversos surgimentos nele, a superfície *em si*, a superfície iludida (iludindo-nos) em termos de profundidade, dimensões construtivas e tonais exprimindo o tempo.

Essas formas de aparência tridimensional e diferentes orientações no espaço, os cubos, rompem do fundo plástico, em fila, e parecem, a certa altura, atravessar a moldura do quadro. Moldura de facto, mas também molduras que se desprendem, anárquicas, enquanto a representação perspéctica sobrevive, módulos *modelados* em claro-escuro, viagem pelo espaço indeterminado de arquiteturas inteiras, suspensas em aparente *contre-plongé* no vazio, como se se afastassem ou se apresentassem para nosso regosijo, no mistério de uma particular e poética aprendizagem do ver.

Em concordância com todo este processo de aprofundamento da problemática da forma plástica, quer pela expressão em superfície, quer pela exploração ilusória ou concreta da profundidade, Nery, como pintor, como *designer*, como fotógrafo e técnico do tratamento ambiental, alargou o seu trabalho, tendo em conta o módulo, a sua múltipla justaposição, grandes obras parietais, revestimento ornamental com azulejo, por vezes evocando a história, como no aeroporto de Macau, e também baseado na teoria e na forma do quadrado em belíssimas soluções, especialmente nas novas estações do Metro de Lisboa. E o moderno entendimento, entre a diferença e a semelhança, da calçada portuguesa, tão bem assumida na praça de Redondo, não como um *insert* circunstancial em toda a obra do artista mas como uma consequência técnica e estética do seu modo de trabalhar os meios.

As intervenções do artista a esse nível, desde a atribuição de uma estrutura cromática, certa no *habitat*, em bairros urbanos, até à vitalização de grandes superfícies, como na Associação Farmacêutica, ou mais longe, em metais, nas compridas superfícies visíveis em *travelling*, da auto-estrada, para o caso paradigmático da Sociedade de Cervejas. A grandeza e o rigor de tais *construções*, exemplos entre muitos outros associados à geometria e ao *design*, à pintura e à escultura, instala-se em singularidade na cultura contemporânea portuguesa, primando por acertos surpreendentes, juntando arte e ciência, ciência e poética. Nery sempre dominou as tecnologias do seu interesse criativo, da gravura e da fotografia aos métodos da impressão, incluindo a serigrafia. Muitas das suas produções pictóricas poderiam ter sido multiplicadas em transferência serigráfica, pois o seu espírito já assegurava a matriz controlada desse processo.

Para um artista cuja obra foi adquirindo estes contornos, tratando em perfeita coerência, diferentes caminhos técnico-expressivos, o mundo em parte onírico de Nery na fotografia não pode deixar-nos senão surpreendidos de novo. A fotografia do autor passa um pouco por sucessivas e por vezes sobrepostas paisagens de uma realidade em mutação. É *campo* carregado de impulsos de um

imaginário qualificadamente rico, entre soluções complexas nas quais se misturam tempos, espaços, figurações várias, porventura numa linha de mesclas neoromânticas, surreais, expressionistas e do próprio fantástico. Qualquer esquema classificativo da obra multidisciplinar de um autor assim esbarra com as mesmas dificuldades que os estetas experimentaram perante a abundância de gêneros e mutações em tal campo. Se considerarmos o espaço e o tempo como estruturas profundas da pesquisa de Nery, onde se acolhem as problemáticas perceptivas, teremos porventura de abrir chavetas e desdobrar, em termos metodológicos adequados, os níveis tecnológicos, técnicos, experimentais, de investigação, da forma plástica integrada ou estruturante. Seria preciso, com efeito, abordar os planos reico, psicológico e transcendental de cada obra ou conjuntos de obras, passe embora o envelhecimento de tais nomeações.

Há em tudo isso, por outro lado, vários tipos de ritmo na cadência das formas, muitas delas sugerindo um movimento de *câmara lenta* – sem esquecer que o movimento intrínseco, se *modulado*, gera *ritmos* mais ou menos caracterizáveis. Estridentes quando a velocidade do fazer imprime tal associação às formas. Graves quando o tempo sugere distâncias inomináveis. Se falamos, a propósito de Nery, do espaço e do tempo, além do ritmo, temos de encarar, por outro lado, uma induzida sensação sonora. O acto de ver é assim atravessado por uma forte e certa sonoridade sinfónica.